

ELEIÇÕES NA ARGENTINA / Em meio à grave crise, o ultralibertário Javier Milei chega ao segundo turno com chances de derrotar o ministro da Economia, Sergio Massa, e se tornar presidente. Para analista, a moderação é a única opção do direitista

O medo versus a incerteza

» RODRIGO CRAVEIRO

Mais de 35 milhões de argentinos vão às urnas, hoje, dominados pelo medo de um agravamento da crise financeira e da radicalização. De um lado, o advogado e ministro da Economia, Sergio Massa, 51 anos, o candidato peronista de centro que não conseguiu uma fórmula mágica para tirar o país do atoleiro: a inflação chega a 143% em termos anuais, a pobreza atingiu 40,1% da população no primeiro semestre de 2023, enquanto o desemprego afeta 6,2%. De outro lado, o deputado anarco-capitalista, ultralibertário e ultradireitista Javier Milei, 53, que declarou guerra às castas políticas e assustou o establishment de Buenos Aires com promessas polêmicas. Entre elas, a eliminação do Banco Central, a dolarização da economia, o corte de gastos públicos, a redução ao mínimo do papel do Estado, a extinção de vários ministérios e o fim do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Argentina (Conicet) — a principal entidade voltada à promoção da ciência e da tecnologia na Argentina.

Em uma das eleições mais polarizadas da história, Massa e Milei chegam ao segundo turno tecnicamente empatados nas pesquisas, apesar de as sondagens serem contestadas por especialistas. No primeiro turno de 22 de outubro, o ministro obteve 37% dos votos, enquanto o adversário conquistou 30%. Na reta final, Milei recebeu o apoio do ex-presidente Mauricio Macri (2015-2019) e da ex-ministra da Segurança Patricia Bullrich, candidata da coalizão de centro-direita Juntos pela Mudança e que ficou em terceiro lugar (24%).

Cientista política da Universidade de Buenos Aires (UBA), Mara Pegoraro vê três elementos "muito preocupantes" na figura de Milei. "Em primeiro lugar,

Diego Lima/AFP



O deputado ultralibertário Javier Milei, da aliança A Liberdade Avança, encerrou a campanha em Córdoba, em 16 de novembro



Sergio Massa (C) se reúne com estudantes em escola de Buenos Aires

sua posição contrária à saúde e à educação públicas, nos termos da gratuidade e do acesso universal. A decisão de privatizar esses dois bens essenciais me parece perigosa. Em segundo lugar, a proposta de dolarização também soa como muito temerária, não apenas no que diz respeito à soberania econômica, mas também nos custos efetivos de incremento da desigualdade", explicou ao *Correio*.

Pegoraro cita as propostas vinculadas ao livre mercado de órgãos humanos e ao porte de armas como expressões extemporâneas de uma expressão política. O terceiro ponto preocupante, segundo ela, está relacionado à eliminação de direitos sociais e de garantias trabalhistas, como o fim de todas as leis

de proteção, tanto para os trabalhadores quanto para os aposentados. "Prejudicar o acesso à saúde e à educação, dolarizar a economia e eliminar a proteção social são elementos que atingem a possibilidade de construir uma sociedade mais equitativa. Todas

as medidas de Milei apontam para o aumento da desigualdade", disse a cientista política.

Para Damian Deglaive, analista da DED Consultoria Política (em Buenos Aires), durante a campanha, Milei desafiou as possibilidades de crescer nas

pesquisas e de ganhar as eleições de hoje. "Apesar de ter se colocado como um nome novo e uma proposta de mudança, uma ruptura no sistema, Milei saiu-se muito mal no debate de 12 de novembro passado. Algumas propostas de sua equipe moveram as emoções mais fortes em alguém como Sergio Massa, que tem uma gestão complicada à frente da economia. Entre elas, o medo", disse à reportagem. Ele acrescenta que Milei também gerou receio, especialmente pela perda de valores democráticos.

Por sua vez, Sonia Ramella, cientista política da Universidade do Salvador (USAL), entende que, caso Milei vença hoje, será forçado a pender para

Eu acho...

Arquivo pessoal



"No último debate, Sergio Massa conseguiu impor sua estratégia: deixou Milei na defensiva, o obrigou a abordar suas propostas mais polêmicas e, praticamente, não lhe permitiu discutir a situação econômica atual. É evidente que Milei chegou ao debate sem preparativos e deixou passar uma boa oportunidade para melhorar suas possibilidades."

Miguel De Luca, professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires

a moderação, a fim de garantir o mínimo de governabilidade. "Ele não terá margem para posturas mais loucas ou para questões que provoquem tanto medo ou dúvida. Se ele quiser governar, precisará moderar a sua posição. Pouco do que ele e sua equipe têm dito vejo como algo realizável", afirmou, por telefone.

Contra Massa, pesa o fato de o ministro não ter antecipado medidas econômicas que, durante a campanha, prometeu impulsionar. Pegoraro lembra que o peronista assumiu o Ministério da Economia com a exigência de concentrar poderes para tomar decisões. "Mesmo após a concessão dessa exigência, Massa não conseguiu resolver o problema, tampouco levou adiante um completo plano de estabilização. Sob sua gestão, o ministério adotou uma política de remendos, ao tratar de resolver, de maneira imediata, com remendos específicos, para garantir que o governo do presidente Alberto Fernández termine seu mandato e que Massa seja, efetivamente, um candidato viável à Casa Rosada", comentou a professora da UBA.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

AS CRIANÇAS COMO ÁLIBI

Politicamente desinteressada de enfrentar o terror, a resolução proposta pela República de Malta — um país-arquipélago europeu, situado no Mediterrâneo — e aprovada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, falha em seu dever primordial de assegurar a paz. Escrevendo, como se não soubesse ler, que "as partes envolvidas no conflito devem cumprir com suas obrigações perante as leis internacionais", iguala, com irrisão, facção terrorista a Estado Nação. Torna-se um documento auge do fracasso da diplomacia e da imaginação democrática diante do maior inimigo da liberdade. Sem querer penetrar na crosta de desumanidade da

organização terrorista para enfrentá-la no auge do seu triunfo, toma o cuidado de não gerar controvérsias com o Hamas e seu catálogo de transgressões. Livrarse da culpa fingindo não se omitir. Tão aquém da gravidade dos acontecimentos, usa o substan-tivo plural crianças como chavão para frear as correntes hostis de sentimento que provoca.

Não é hora para cerimônias, nem de se entregar ao esporte ideológico de solapar a moral da própria ONU em Gaza, que vê morrer centenas de seus membros. Mas é trágico ver adultos com autoridade gostarem de ser tapeados. O centro do desastre contra o terror é a vacilação dos virtuosos contra a torpeza dos fanáticos. Só

entendendo o cérebro deles é possível usar com eficácia o poder para derrotá-los. Uma democracia, mesmo governada por autoritários, estará sempre passos atrás de seus inimigos que aproveitam as distrações próprias dos regimes de liberdade, espetáculos culturais, diversidade, religiosamente pluralistas e abertos, para buscar desmoralizá-la.

Dissociado das circunstâncias, divulgadores de venenos, intrigas, cheio de grupos de pressão, interesses, dominado pelo tom inamistoso da política; o que resta é um mundo onde falta um objetivo estratégico geral das democracias para condenar, enfaticamente, o ultraje praticado contra o Estado de Israel, mesmo não apoio seu governo politicamente. Só assim as democracias poderão recuperar a iniciativa de poder dizer que querem proteger a população civil.

A completa aceitação da atitude de defensiva contra o terror, vê-lo

como marcha natural dos acontecimentos políticos no Oriente Médio, a decisão de não lhe quebrar o poder, costuma ser própria dos calculistas que não compreendem o futuro. Quanto a coisa engrossar de vez, avolumar-se, atravessar fronteiras, unir-se à criminalidade interna dos países, será tarde para se dizerem surpresos com a vulnerabilidade dos sistemas democráticos, legitimamente eleitos, com mudanças governamentais regulares. São imensas as consequências nefastas das maquinções políticas que movem as nações do mundo. A paz, formulada por decisão errada, é inconsequente.

Ninguém vai dividir a cura com alguém que esquartejou. Resignação, conciliação, funcionar em um vai-e-vem descon-tínuo e irregular faz as democracias ficarem à mercê do terror. Não é possível imaginar que o Hamas passará a estimar as crianças palestinas mais do que

não estima as judias ou israelenses. Não há espiritualidade verdadeira ao discriminar seres humanos por causa de sua origem étnica, especialmente crianças que não podem ser medidas por nenhuma outra medida senão a do amor. É um dilettantismo ideológico querer se fazer benfeitor de alguém escolhendo um dos lados do conflito.

O maior equívoco dos democratas é querer dar ênfase a princípios elementares que norteiam a vida. O que é simples é claro, meio tolo, até ingênuo. Mas a política internacional e sua diplomacia não são simples, claras nem ingênuas. Há delitos de impostura por trás do humanismo que só reconhece o sofrimento do outro se for possível dar ao fato um título pomposo que permita arregimentar simpatia. As crianças são os únicos seres cuja altivez silenciosa não as protege da maldade dos adultos. É uma zombaria pedir ao

terror que as degolou em Israel alguma sombra de reparo que as proteja em Gaza.

O sofrimento das crianças é muito maior do que o sofrimento geral, mas quem pode deter o sofrimento geral, e não o faz, não devia usar da inocência de seres totalmente distintos da maldade humana, seres da natureza dos anjos. É um assombro demonstrar pesar pelas crianças para reduzir a abrangência da responsabilidade da Hamas pelo seu padecimento. As crianças não têm culpa de nada e não podem ser castigadas por quem não as protege de quem as castiga. Quem mata os filhos de um lado, desprotege os filhos do outro.

Odiar os judeus motiva mais o terror do que amar os palestinos. Acorda, ONU!! Será que já não há absurdos demais em todos os países para incorporar mais fanáticos no formigueiro do sofrimento humano?

PAULO DELGADO, sociólogo